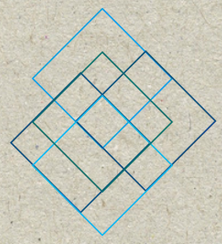
LAUDELINAS

VOL.I N°I4 2023

MIRADA



MIRADA

EXPEDIENTE

LAUDELINAS

Volume I. Número I4.2023
ISSN 2675-6803
Mirada
Recife - Pernambuco

EDITORA CHEFE

Taciana Oliveira

DESIGNER

Taciana Oliveira

CAPA

Fotografia de Karimeh Abbud - fotógrafa e artista palestiniana que viveu e trabalhou na Palestina na primeira metade do século XX. Foi uma das primeiras fotógrafas do mundo árabe.

FOTOS

Intervenção digital na fotografia de MOHAMMED ABED / AFP Menina em frente a ruínas de sua casa, destruídas por bombardeio de Israel em Gaza (20/05/202I) - Página 36.
Taciana Oliveira, página I5.

AGRADECIMENTOS

João Gomes da Silva - Revista Vida Secreta

A noite da cidade é escura, / exceto pelo brilho dos mísseis. Silenciosa, / exceto pelo som dos bombardeios, / Aterradora, / exceto pela promessa das súplicas, / Escura, exceto pela luz dos mártires.

Boa noite

Heba Abu Nada (1991-2023) - poeta e romancista palestiniana

#LAUDELINAS

ÍNDICE

06 Índice

07 Apresentação

08 É fogo - Adriane Garcia

09 Precoce - Adriane Garcia

11 Poemas - Adriane Garcia

12 Míssil na imagem - Adriane Garcia

13 Circular - Adriane Garcia

16 “A cidade lateja esmola” - Célia Martins

21 Mouraria - Manuella Bezerra de Melo

22 Formol - Manuella Bezerra de Melo

23 Sugestão - Manuella Bezerra de Melo

24 Fuga - Manuella Bezerra de Melo

27 Erros de Ícaro - Milena Martins Moura

30 Evangelho segundo o pecador - Milena Martins Moura

34 Móveis de antiquário - Maitê Lamesa

37 O tear de Gaza - Lisa Alves

46 O céu da Palestina - Daniella Guimarães de Araújo

47 Acima da Terra - Daniella Guimarães de Araújo

50 Trecho de “Depois que a vida chegou” - Mariana Torres

55 Resenha de “E Deus não acudiu ninguém”, por Rejane Gonçalves

59 O sêmen do rinoceronte branco - Cinthia Kriemler

67 Um maiô de estampa de sorvete - Laura Redfern Navarro

68 I feel like I know her but sometimes my arms - Laura Redfern Navarro

70 Vivendo de marmita - Germana Accioly

75 Vida - Maria Cristina Tavares

81 A perna nihilista cabeluda - Iaranda Barbosa

87 Minha renúncia - Anne Boyer

APRESENTAÇÃO

Do conto à poesia, passando por diversas expressões artísticas, Laudelinas continua a ser um espaço de celebração, resistência e reflexão.

Nesta edição, contamos com a participação especial de duas poetas, em uma licença poética que transcende fronteiras. Rendemos homenagem à Heba Abu Nada, cuja vida foi tragicamente ceifada durante os bombardeios em Khan Yunis, cidade em Gaza, e Anne Boyer uma judia corajosa, que pediu demissão do New York Times em protesto "contra a cobertura do jornal que esconde a essência da guerra lançada por Israel e bancada pelos Estados Unidos: o massacre do povo palestino". Em sua carta de demissão, Boyer declarou: "Não posso escrever sobre poesia no tom 'razoável' daqueles que pretendem nos acostumar a esse sofrimento irracional. Chega de eufemismos macabros. Chega de paisagens infernais higienizadas verbalmente. Chega de mentiras belicistas."

Expresso a minha sincera gratidão a todas as colaboradoras que, ao longo dos últimos três anos, tornaram possível a existência desta publicação. É sempre um prazer contar com cada uma de vocês.

Até a próxima edição, com os votos de paz para todas e todes!

Taciana Oliveira,
editora das revistas *Laudelinas e Mirada*

É FOGO | ADRIANE GARCIA

As mulheres estão ao meu lado
Suportando o peso
Este corpo só fica mais leve
No final
Só fica mais leve
Quando não puder senti-lo
A idade sobe
Vitoriosa
O estrogênio desce
Antilírico
As mulheres estão ao meu lado
Sentindo calor
Elas agora falam
Estou ficando velha.

PRECOCE | ADRIANE GARCIA

Erguia uma usina de metáforas
Transformando o choro

Aliterava sussurros
(o sal nos ossos)

Lia como se risse
(quem muito ria acabava chorando)

Travava a língua
Com o gozo amaro
Vestia as máscaras
Das analogias

O ritmo de um pássaro
Vigiando predadores

Visava o enviesado

(tão cedo)

Na captura

Do medo.

POEMAS | ADRIANE GARCIA

Antes de escrevê-los eles ficam
Em algum lugar misterioso

É certo que perto dos sustos
Talvez até amem fantasmas

Não me lembro do primeiro
Que me acordou para mim

Depois passei a cuidar
De ruminante rebanho

Após falarem me calo
Nada a declarar: declaro

Distribuo poemas por aí
Não tendo mais o que fazer com eles

MÍSSIL NA IMAGEM | ADRIANE GARCIA

Mostram crianças
Nas condições mais abjetas
Como se
Ao comover meu coração
Comovessem quem não vê
A diferença entre uma criança e
Uma pedra.

CIRCULAR | ADRIANE GARCIA

Chegamos em um ponto em que
Não convém mais
Dar o próximo passo

Chegamos nesse ponto
Centrípeto
Em que faz melhor quem aguarda

Já que a rua sem saída
Pode bem ser uma praça:
É procurar lugar para assento

E ver a paisagem cansa menos
E romper círculos pode também ser
Apenas fechar os olhos.

Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (ed. Confraria do Vento, 2015), Embrulhado para viagem (col. Leve um Livro, 2016), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018), Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois (ed. Conceito Editorial, 2019), Eva-proto-poeta, ed. Caos & Letras, 2020. Estive no fim do mundo e lembrei de você (Editora Peirópolis) e A Bandeja de Salomé (Caos e Letras, 2023)

TX 5063

►28A

TX 5063

TX 5063

29

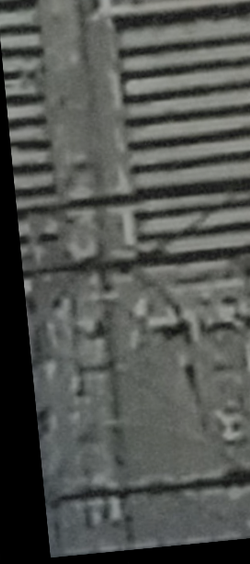
►29A

TX 5063

30

►30A

TX 50



►28A

29

►29A

30

CÉLIA MARTINS

A cidade lateja esmola
Erguem as mãos pro céu
As doces mães dos cheira colas
A esquina da dor cuspindo pavor a granel

A praça Maciel Pinheiro
Arte entre escombros humanos e puteiros

Putas e drogados zumbis
Dormem ao vento ao léu
Encontram Deus, uma agulha no palheiro
Clamam a luxúria vibrando lá no céu

Do pardieiro
Ante a fonte que seca
E a escultura de Clarice que peca
escrevendo textos lotados
de lacunas e anjos drogados
Expondo Macabéias clandestinas
Nas paixões que curvam-se na esquina
E deitam- se à sombra de um sobrado

CÉLIA MARTINS

A chuva cai e lava a maldade do mundo
Rezo pro meu santo
Que plante paz na terra...
Mas paz não brota como planta sagrada
Paz é um encontro do amor com o equilíbrio
Aquele estado de graça que vê graça em quase tudo, mesmo diante de quase nada.

O mundo, no entanto tem ofertado esse quase nada todo dia aos muito tantos
que tudo fazem pra que estes que nada fazem tenham tudo

Enquanto os quase todos têm muito NADA.
Comendo esse pão ôco
Provando das muitas balas
Sendo couraça humana
Na guerra que não plantou
Sementes de balas e chumbo.
A dor que viu brotar
Na chaga que não sarou
Na vida desigual no MUNDO.

A guerra do fim do mundo
A FOME que nos comeu.
A vida que nos pariu
Nasceu diante do breu.

Célia Martins - é poeta, atriz, professora da rede de ensino do Recife. Formada em Letras pela UFPE.

FATUA
PARA COMER COM O CORAÇÃO DE DOM PEDRO
Manuella Bezerra de Melo

MOURARIA | MANUELLA BEZERRA DE MELO

num incêndio
morreram queimados
migrantes
morreram queimados
migrantes
morreram queimados

vinte e
dois
viviam
amontoados

em um
rés do chão

a assembleia municipal
aprovou por unanimidade

votos de pesar

FORMOL | MANUELLA BEZERRA DE MELO

um frasco de ouro e vidro
com um órgão conservado
exposto em museu
[sagrado]
remonta a fome [que tem um povo inteiro]

de comer o coração de Dom Pedro

SUGESTÃO | MANUELLA BEZERRA DE MELO

e se no lugar de Santo Antônio de ponta cabeça
deixássemos o Padre António Vieira sem cabeça?

FUGA | MANUELLA BEZERRA DE MELO

uma bandeira tremulou uma mulher
que andou o oásis inteiro no seu rastro

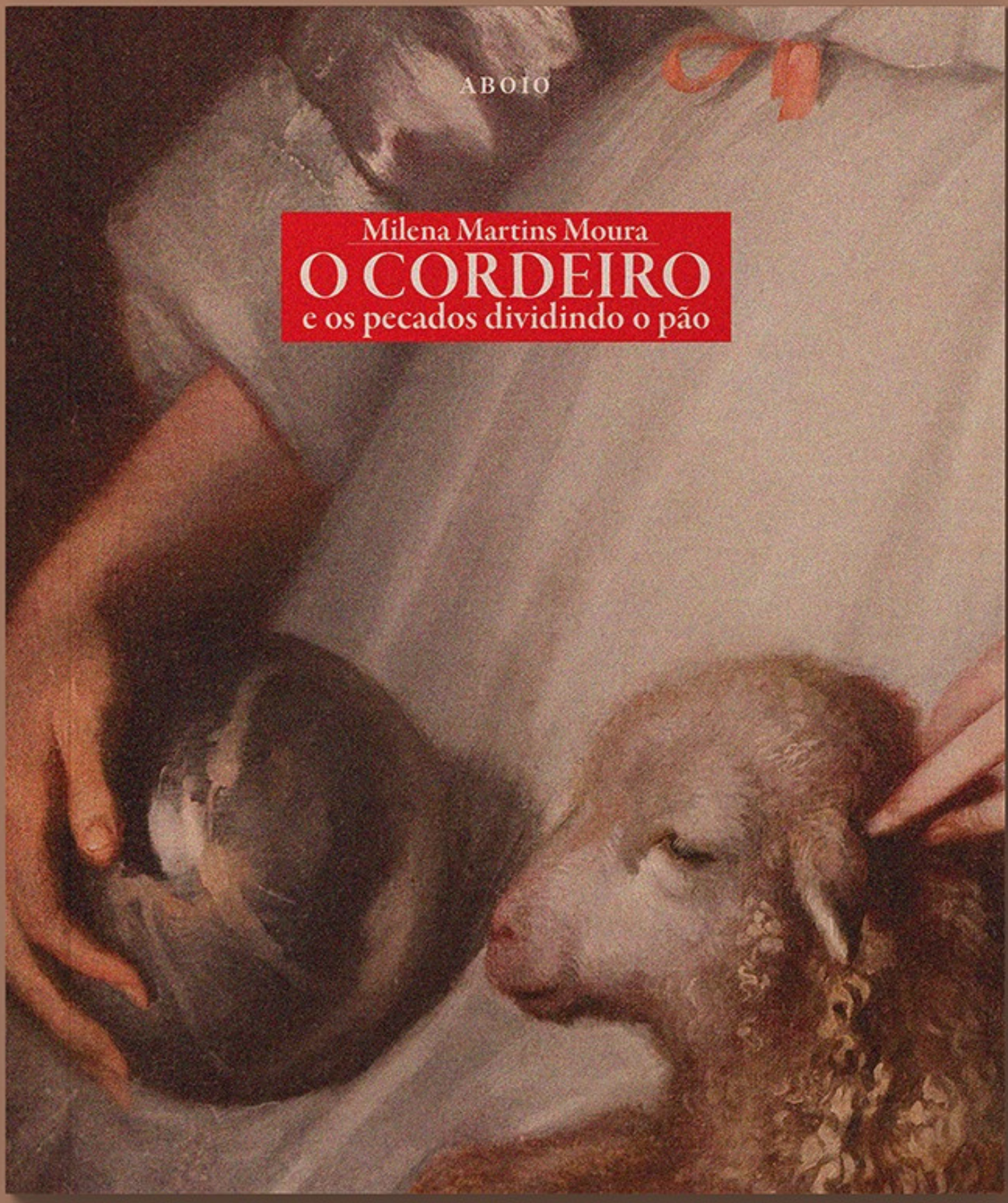
uma mulher atravessou um deserto
a cuspir na boca do seu filho com sede
lá encontrou outras mulheres cuja
sede é o motivo das travessias

uma criança com sede carregou uma
mulher no seu lombo até que
pudesse ela chegar ao outro lado
do deserto em segurança desta vez

uma mulher arrasta nas pernas
uma bandeira, uma criança, um deserto

.

Manuella Bezerra de Melo é escritora, editora, curadora literária e investigadora. Nasceu em Recife e vive e trabalha em Portugal. Tem vários livros publicados. Organizou a coleção de antologias VOLTA Para Tua Terra (Urutau, 2021; 2022). Participou de antologias poéticas, entre elas a Um Brasil ainda em chamas (Contracapa, 2022), e tem poemas, contos, artigos e ensaios publicados em revistas literárias e científicas no Brasil, Portugal, Argentina, Colômbia, México, Equador e EUA.


ABOIO
Milena Martins Moura
O CORDEIRO
e os pecados dividindo o pão

ERROS DE ÍCARO | MILENA MARTINS MOURA

é a imagem desse cavalo
desenhado com os olhos nos defeitos da parede

ele desce em disparada
com a crina em chamas
apenas pelo desafio de evitar a queda

para que nasça um cavalo como esse
é preciso vento
e linhas imprecisas na pintura

texturas amarrotadas
e força nos membros

um cavalo em disparada

não é qualquer cavalo

é aquele que não se pode montar em criança no sítio

à criança em seu corpo pequeno

é permitido apenas sentar-se à parede e imaginar o cavalo

e as labaredas lambendo o vento

a corrida de um cavalo como esse

a mãe não permite

perna ralada em menina é feio milena

senta vê desenho milena

uma criança que cresce limpa

não conhece o vento

como o conhece o cavalo

e não se lembra senão do grito

que era um cavalo descendo em disparada

com a crina em chamas

porque o pintor de paredes errou

uma criança que cresce limpa e sem ranhuras

tem um vento sofrendo nos peitos

daqueles que derrubam prédios

quando correm

e abrasam os tabus que deus castiga

EVANGELHO SEGUNDO O PECADOR | MILENA MARTINS MOURA

me quero aberta em cálice e vinho e pão
    fenda rasgada de ritos

hábito deitado à fogueira
onde abrasam as peles recém-expostas

a carne viva pulsa porque viva
porque crua porque fera e primeira mulher
        serpente e desfrute

me quero imersa corpo inteiro no indevido
lambendo o caminho desviado
        com a mesma língua
        dos cânticos

o sacro e o santo

molhados da espera

com a sede dos abstêmios

e dos crédulos em desgraça

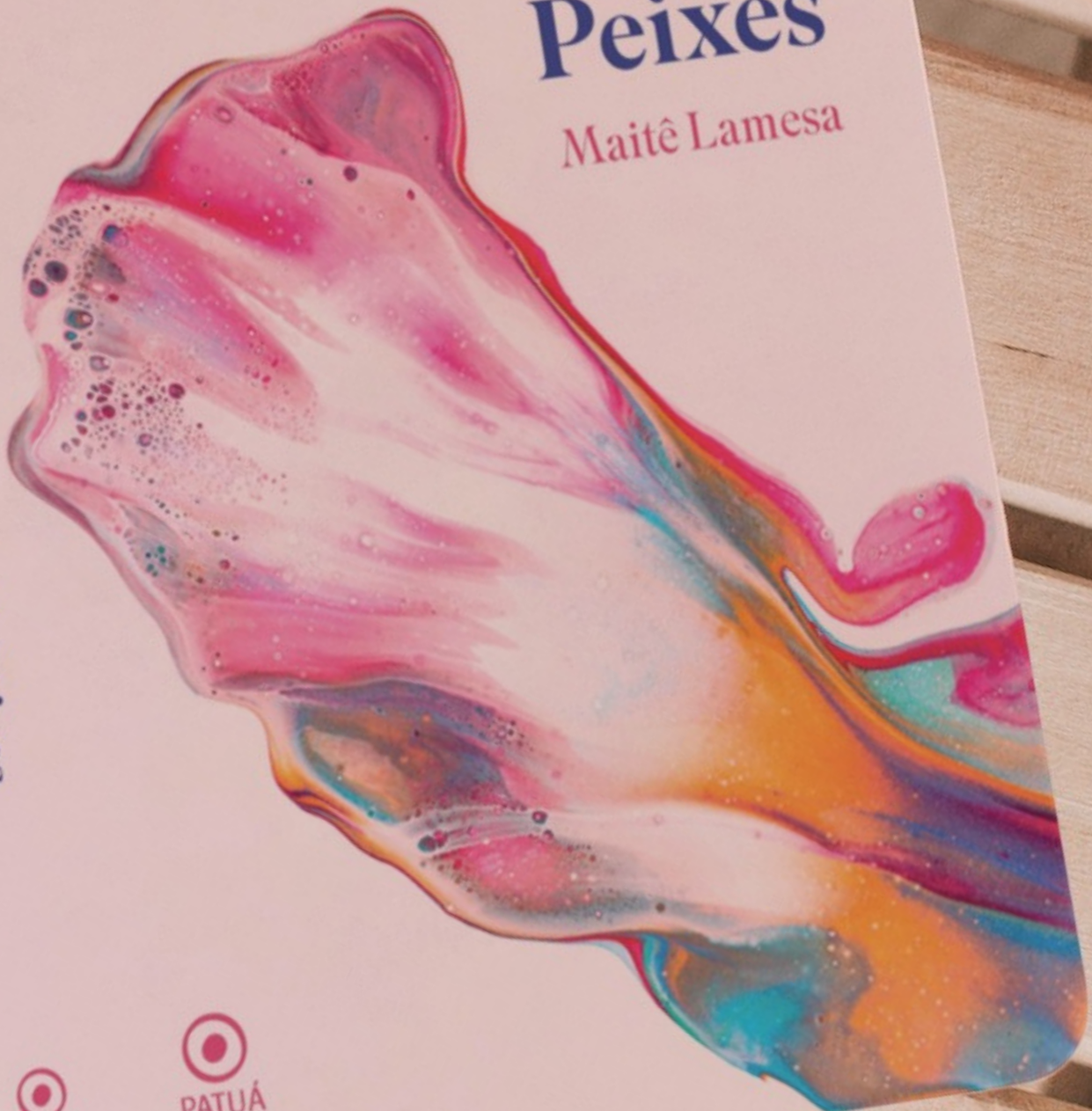
e eu graal sacrílego

estou nua e disso não me envergonho

Milena Martins Moura é poeta, editora e tradutora. É autora dos livros Promessa Vazia (Multifoco, 2011), Os Oráculos dos meus Óculos (Multifoco, 2014) e A Orquestra dos Inocentes Condenados (Primata, 2021), bem como da plaquete Banquete dos Séculos (edição da autora, 2021). É editora da revista cassandra, de seu selo erótico Héstia e da Macabéa Edições. É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Também integra as equipes de poetas do portal Fazia Poesia e de colunistas da revista Tamarina. Lançou, em 2023, O Cordeiro e os Pecados Dividindo o Pão, publicado pela Aboio.

Escamas de Mil Peixes

Maitê Lamesa



PATUÁ

Maitê Lamesa

Escamas de Mil Peixes

PATUÁ

MÓVEIS DE ANTIQUÁRIO | MAITÊ LAMESA

O leite jorrou
depois do colostro
em meio aos calafrios
e às noites em claro

Coloquei uma poltrona verde-militar ao lado da cama
ali padeci, sorri (com um pouco de sorte, adormeci)
mais de ano

Quando tudo acabou
mudei a poltrona de lugar

Tudo ganhou seu status quo ante
como se nada tivesse acontecido

Que vazio deixa no peito
esse alívio de padecimento

Maitê Lamesa (@microcentivamos) é natural de Jaú/SP, e atualmente reside em São Paulo, capital. Formada em Direito (Universidade Estadual de Londrina) e mestra em Relações Internacionais pelo Programa San Tiago Dantas (UNESP-UNICAMP-PUC/SP), assumiu a escrita em 2022, quando a publicação tornou-se urgência face a face, face à fase de silêncios agudos: da maternidade, da pandemia e do campo, onde morou durante esse período. Integra o portal Fazia Poesia e o Coletivo Escreviventes. “Escamas de mil peixes" (Patuá, 2023) é seu livro de estreia.

MENINA EM FRENTE A RUÍNAS DE SUA CASA, DESTRUÍDAS POR BOMBARDEIO DE ISRAEL EM GAZA - 20/05/2021)

FOTO: MOHAMMED ABED / AFP

Ato I: A Agulha

Contaram que em Gaza duas crianças
brincavam de tabuleiro
quando um míssil
emudeceu a casa inteira

(vermelho, cinzas e fogo)

A mãe (em seu tear) acolheu
a notícia através do padeiro
e logo após cravou uma agulha no coração (repetidas vezes)
enquanto proferia uma maldição repleta de pranto:

Oh, filhos de Israel!
Não haverá espigões para resguardarem vossas rosas.
A agulha que me lança
nos braços dos meus antepassados
derramará veneno sobre
a ceifa futura e
teus filhos não terão mais mãos
para brincarem com tabuleiros de usura.

Dizem que por aquelas trincheiras
para cada filho assassinado em Gaza
há uma maldição professada contra os inimigos
até o ultimar de uma geração.

Ato II: Silenciadores

Pelo cadáver lançado
a mais de cem metros
Pela pegada de sangue
da mãe rebelada
Pelos filhos escoltados
ao futuro orfanato
Convocamos um minuto de revolta por Gaza,
pois o silêncio, até hoje, só serviu de munição.

Ato III: Antropofagia

Dois foguetes
para cada “Não”
Devorarei os ossos dos meus filhos
quando não sobrarem mais suprimentos
e para não se tornarem iguaria
basilar do inimigo

Insurgente alma,
durma nessa carne
que nomeio corpo
e não desperte mais
pelas manhãs – nem labute
ao lado de nossos fantasmas.
Gaza, eu não desejo mais nenhuma noite!

e eu saboreio uma *irish car bomb*

Eu bebia uma *Irish Car Bomb*
enquanto crianças eram pulverizadas por bombas
israelenses.
O Mal distante é legítima ficção até o dia que
nos extraem de nós mesmos para sermos outros
Meu vizinho é um corpo de carne e ossos
e se ele se incendeia eu penso em performance.

Adel Kedhri (Tunísia): performer
Jampa Yeshi (Índia): performer
Lâm Văn Tuc (Vietnã do Sul): performer
Prema Devi (Índia): performer

Contam que após o domínio do fogo
nossa espécie transubstanciou o cérebro
para algo hábil a criar bombas e rodas.

Adel Kedhri se incendiou
Jampa Yeshi se incendiou

Lâm Văn Tuc se incendiou
Prema Devi se incendiou

São Martinho articulava sobre o Homem ser fogo,
Buda propunha que o coração é a lareira
e Heráclito dizia: do fogo tudo flui.

Adel Kedhri é uma mensagem
Jampa Yeshi é uma mensagem
Lâm Văn Tuc é uma mensagem
Prema Devi é uma mensagem

Sonho com uma tempestade de fogo,
sonho com olhos volvendo em cinzas,
sonho com o cheiro amedrontador do Deus dos Mortos
colhendo infanticídios nos campos de girassóis da Ucrânia.

Adel Kedhri é um noticiário
Jampa Yeshi é um noticiário
Lâm Văn Tuc é um noticiário

Prema Devi é um noticiário

E eu saboreio uma *Irish Car Bomb*.

Poemas extraídos dos capítulos “Dos Territórios” e “Das contradições” do livro ***Arame Farpado*** (2015)

Lisa Alves (Araxá, 1981) é escritora e videoartista. Trabalha a sua poética em uma modalidade artística híbrida: imagem, performance, texto e som. Tem textos publicados em diversas antologias, jornais, páginas e revistas literárias no Brasil e no exterior. Codirigiu, editou e roteirizou o curta **Depois do sétimo dia** (2020) ganhador do prêmio Elo Company (2020). Codirigiu *Sou indesejável* (2018), ganhador dos prêmios de melhor filme (júri oficial e júri popular) na categoria Lanterna Mágica do Festival Internacional de Cinema do Arquivo Nacional. É autora de "*Arame Farpado*" (2015) e "*Quando Tudo for Possível*" (2022).

Fotos: Yasser Qudih/Reuters

O CÉU DA PALESTINA | DANIELLA GUIMARÃES DE ARAÚJO

o dia amanheceu azul na Palestina

a mãe e a criança olham o céu da Palestina

a amante e seu amado olham o céu da Palestina

o motorista e a passageira olham o céu da Palestina

pela fresta da tenda a velha e o velho olham o céu da Palestina

na cidade alta a jornalista olha o céu da Palestina

e não direi mais nada porque o poema é estilhaço .

ACIMA DA TERRA|DANIELLA GUIMARÃES DE ARAÚJO

o país comenta sobre o calor insuportável

cavamos um inferno que nos engole

fico pensando por quanto tempo teremos as lichias maduras

em novembro

ou as acácias pendentes e risonhas

hoje vi uma médica chorar enquanto clamava o cessar-fogo fogo

em gaza

temos muitos tipos de inferno

Daniella Guimarães de Araújo, natural de Leopoldina MG, atualmente vive em Sete Lagoas. Publicou: Conto de um amor intermitente em 2017; (In)visibilidades, em 2019 e A casa não é das mulheres, a rua não é dos homens, recentemente em 2022 pela Editora Patuá .

MARIANA TORRES
Depois que a vida chegou
CARAVANA

DEPOIS QUE A VIDA CHEGOU | MARIANA TORRES

Uma mulher decide escrever e-mails ao primeiro filho, desde o seu nascimento, como presente de aniversário de 18 anos. Relatos de parto, primeiros dias de vida, celebrações e anotações cotidianas. Porém, pouco a pouco, o exercício de alteridade com a criança – outro corpo, mas tão dependente da mãe – se transforma em fragmentos de angústia e da necessidade em colocar a mulher no centro do universo contado. O romance epistolar **“Depois que a vida chegou”** (Caravana Editorial, 116 pág.), da paulistana Mariana Torres, narra as dores de uma mulher que passa a questionar seu lugar no mundo quando atravessada pela maternidade.

Mãe de dois filhos – o primeiro, para quem as cartas são destinadas, e o segundo, que nasce quando o mais velho ainda é um bebê –, a protagonista não nomeada desta história reconstrói os acontecimentos de uma família, questionando também seus papéis como mulher, esposa, mãe e filha. Em aparente conformidade com a rotina, ao longo das páginas as cartas transbordam desabafos sobre o cansaço materno, carga mental feminina e incompletude frente ao trabalho invisível.

O tema vai ao encontro de discussões atuais, como a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano, que propôs a discussão de “desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”.

Vivendo em estado de angústia e ausência física e emocional, a protagonista de “Depois que a vida chegou” representa a experiência de muitas mulheres que, mesmo rodeadas por parentes e amigos, carecem de “um entorno com menos certezas e mais abraços”. Da mesma forma, fazem parte da história diálogos sobre a finitude, nas lembranças de momentos com o filho. “Queria poder te dizer já naquela hora que dá pra ter ausência enquanto se respira. Ausência de si. Do outro. E que a morte pode não ser tão ruim assim. Bonita até?”, aponta um dos trechos do romance.

A personagem repensa a maternidade a partir da infância, com uma tentativa de esmiuçar a própria criação. Assim, relembra a relação com a mãe – que seria “inerente” capacitada para a tarefa do cuidado e, portanto, responsável por todas as funções – e o pai que, como afirma a personagem, aparece como “um enfeite pontual, a prova de que se abster é garantia de plenitude, de parentalidade sem crise, de amor jamais contestado”.

TRECHO DO LIVRO DEPOIS QUE A VIDA CHEGOU

“Você me admira. Mais do que qualquer pessoa no mundo. Olha para mim em busca de todas as respostas. Para você, sou invencível. Sei tudo. Sou perfeita. O propagado amor de mãe é incondicional, insuperável. Não é verdade. O amor de uma criança pela mãe é verdadeiramente incondicional. Não pairam dúvidas momentâneas de como seria a sua vida sem essa figura. Ou arrependimentos relativos à relação quando a mãe está num dia ruim, ou reclama. A mãe não importuna. Não atrapalha. A mãe é o que a criança quer. A existência da mãe é o maior presente. Amor incondicional.

Não sou tudo isso. Nada sei. Torço pela adolescência, quando você vai finalmente descobrir a verdade. Quando se verá sabendo mais que eu. Quando romperá comigo e seguirá seu caminho conhecendo as suas verdades. Como talvez eu mesma nunca tenha feito. E você vai conhecer a liberdade. Eu te desejo liberdade.

Mas também temo pela adolescência. Quero me agarrar para sempre a esse momento de ser uma sábia aos olhos do meu filho. Um alento pensar que em algum momento fui boa, mesmo por equívoco de uma cabecinha que pouco sabe.”

Após trabalhar como advogada e empreendedora, **Mariana Torres** encontrou nas palavras sua verdadeira paixão. Descobriu-se escritora em meio a uma pandemia e um puerpério. Entre uma mamada e outra, escreveu seu primeiro livro (além de primeiro escrito), Clube do Abacate. Durante o segundo puerpério, escreveu seu segundo romance, Depois que a vida chegou (Caravana Editorial). Mariana mora em São Paulo e passa os seus dias criando histórias, além de dois meninos e dois gatos.

e deus não acudiu ninguém
Conceição Rodrigues
Conceição Rodrigues
e deus não acudiu ninguém

E DEUS NÃO ACUDIU NINGUÉM | CONCEIÇÃO RODRIGUES
RESENHA POR REJANE GONÇALVES

Conceição Rodrigues nos acode. sim. deveras nos acode. com sua escrita entranhada. montada no mais longínquo dessa coisa a que chamamos 'alma'. peregrina de caminhos marginais. rodopiando nesse estupor de conexões plantadas no cérebro. esgalhadas feito árvores antigas. mas envoltas em seiva do agora. a escorrer resinosa por todos os caules: tudo supostamente às claras. na verdade. tudo concentrado em um mundo penumbroso. onde tateamos. tropeçamos. quando não. detemo-nos. de fato. estacamos. na intenção de nos livrarmos das amarras. único jeito de refazer o caminho e continuar. Enquanto esse aprendizado de leitura expande-se. descobrimos que estivemos sempre ali. que a nossa caminhada. de degredados filhos de Eva. dá-se justamente nesses porões. que o contar. o dizer de Conceição Rodrigues. de nós se apropriou: se somos passivos observadores. não deixa de ter sido nossa a escolha (um caso para o malfadado livre arbítrio e suas perspectivas contaminadas). de olho grande num deslocamento mais cômodo. Caso tenhamos decidido abdicar da viseira. depois de tê-la finalmente abaixado. teremos que estar comprometidos com o ver. o enxergar. ser mais. um pouco mais do que somos. para proporcionar a nós mesmo mudanças. ainda que sutis. em nossas formas diversas. por vezes tacanhas. de ser: que independentemente da ausência de entendimento. da possível discordância. da rejeição ante a nudez da verdade. se isto se der. que não vigore o sentimento de desistência. e sim. sobreviva a sede de perseguição da busca. tenaz e obsedante. única forma de nos situarmos humanamente. de estar e ser. Ao findarmos a leitura. ela nos devolve – mudados –

para nossa tão banal realidade comezinha, e percebermos, não sem pesar, que nós, seres 'normais', pertencentes ao dia que amanhece e anoitece igual, somos também aqueles que vagam pelas estâncias brutais de lá, protagonistas de histórias cruentas, narradas com a destreza de quem sabe que espaço deve ocupar; que dimensões carecem de ser tocadas; que palavras constituem-se imprescindíveis ao desenho deste ou daquele bordado; que ritmo harmonizará os tons, os sons, os cheiros, os gemidos, os dizeres daquela criação, para que ela seja verdadeira, contundente e bela. Continua, pois, leitor, cumprindo teu papel de viajante por esse outro mundo, dono do teu eu – inteiro – embora partido, embora cindido pela experiência, pelo saber que te coube como legado nessa viagem. Lembra-te de que adquiriste, ainda, se bem apreendestes algo dos rituais de locomoção, o compromisso de acudir deus nesse teu périplo; ele, personagem exposto a outro tipo de criação que o confronta e cobra, exige, dele, envolvimento, no mínimo, uma mão a esmurrar três vezes o peito: mea culpa, mea maxima culpa, negligenciei a paleta de cores dos quadros da galeria primeva, a que, borrada, contaminou tantas outras. Caberia a este nostálgico deus, tão profundamente adormecido, de súbito, acordar, voltar, num átimo, dos confins deste torpor, pôr-se em vigília e acudir-nos, enfim. Ele não o fará, pois que também ali se encontra – preso. A mão estendida pertence à escritora, é ela quem fala, é dela o dizer, cabe a ela nos acudir. E ela o faz. Já disse que ler Conceição Rodrigues é nos obrigar a ser mais, quando já é tão pesado ser. Eu leio, cada dia com mais gosto, porque há determinados pesos que precisam pender sobre nossas cabeças, justamente, para nos mantermos eretos, conscientes do prumo. A leveza do peso é essa consciência.

Rejane Gonçalves – nasceu em Camocim de São Félix, Pernambuco, e hoje vive em Olinda. Com formação em Letras, publicou alguns dos seus contos em coletâneas. Em 2005, foi premiada no Concurso Osman Lins de Contos, da Prefeitura de Recife. Publicou, pela Confraria do Vento, o livro de contos Escrevo para dinossauros, que foi semifinalista do Prêmio Oceanos em 2017 e Estreitas amplidões em 2019.

Conceição Rodrigues nasceu em Arcoverde, portal do sertão pernambucano, mas viveu a maior parte do tempo em Recife, onde mora até hoje. É graduada em Letras e tem especialização em Literatura. Leciona na rede pública de ensino. Recebeu menção honrosa no III Prêmio Pernambuco de Literatura com o livro de contos "Corda para nós", e no IV Prêmio Pernambuco de Literatura recebeu menção honrosa com o romance "323". Trabalhou como assistente de Raimundo Carrero na Oficina de Criação Literária- UBE. Organiza e participa de antologias. Faz assessoria em produção textual em diversos gêneros e áreas. Publicou em 2020 "Molhada até os ossos" e "Os dedos das santas costumam faiscar", livros de poemas, pela Editora Patuá. Lançou em 2023 "e deus não acudiu ningém" (editora Patuá). E-mail: cecitha7777@gmail.com

O SÊMEN DO RINOCERONTE BRANCO
CINTHIA KRIEMLER

Março de 2018. Quênia.

Eutanásia. O último rinoceronte branco do Norte está morto. Sudan, 45 anos, se torna parte das espécies e subespécies dizimadas pelo único predador que mata por ignorância, por lucro. E sempre por prazer. Um macho de sorte — mesmo que sorte seja uma palavra estranha de significado. Não foi abatido como caça. Sobreviveu. Capturado aos 10 meses de idade, foi enviado para um zoológico. Por 36 anos agradou humanos. Morre, agora, num santuário. E santuário também é uma palavra de significado incomum. Um cativeiro cercado por boas intenções. Uma fração da história que deveria ter sido. De um jeito ou de outro, Sudan foi uma vida desvirtuada. Deturpada em seu roteiro original. Fecha os olhos cercado pelos soldados que o protegem, pelos cuidadores e pelos pesquisadores que o observam há quase uma década. E quando o seu corpo de dois mil e trezentos quilos — tomado por uma infecção generalizada — segue para o descanso da morte, ainda ostenta, intocado, o cobiçado chifre que fez dele um alvo por toda a sua vida. Sudan é o último macho dos rinocerontes brancos do Norte. Mas o seu sêmen congelado ainda é esperança de rebentos. Multiplicados, alimentarão a lenta e difícil tentativa de reverter a extinção da subespécie. Se os caçadores não

se reproduzirem como pragas, se a cobiça não caminhar mais rápido do que a ciência, se todos os obstáculos forem superados, talvez seja possível repovoar a savana.

Não há lágrimas pelos rinocerontes brancos do Norte. São apenas bichos.

Abril de 2014. Chibok, Nigéria.

Negras. Virgens. Crianças. 276 meninas sequestradas de uma escola em Chibok por fundamentalistas islâmicos do Boko Haram. Em nome do fanatismo, da dominação e do ódio, essa trindade depravada. Afastadas de suas famílias, impedidas de suas crenças, privadas de qualquer dignidade. Pasto fresco para as bestas que justificam atrocidades em nome de um deus falsificado, omisso, cúmplice. Caças impotentes.

47 fugas. 117 libertações em trocas árduas com o governo. Mas 112 meninas de Chibok nunca mais são vistas. Para elas, não há a proteção do santuário. Só o cativeiro. E as curras que não cessam. E a parição de bebês indesejados que crescem ao lado de seus reprodutores selvagens, influenciados pela bestialidade de crenças pervertidas. 112 meninas-matrizes, como as cadelas acorrentadas que cruzam e cruzam sem descanso até a morte por infecção, por inanição ou por maus-tratos.

Não serão resgatadas. Não têm nome ou foto nos jornais. São apenas meninas negras da África. Descarte.

Fevereiro de 2018. Dapchi, Nigéria.

Não bastaram. O sequestro das 276 meninas de Chibok. Os casamentos forçados. A destruição das identidades. O aniquilamento dos alicerces psicológicos, religiosos e morais. As crianças geradas por espermas sem nome. Mais 110 são raptadas em Dapchi. Meninas. Em plena luz do dia. Porque a luz do dia parece ter se tornado uma sentinela inútil e impotente. Em igualdade perversa, as meninas nigerianas de Dapchi são como as meninas de Chibok. E como os rinocerontes brancos do Quênia. Indefesas. Caçadas. Afastadas de suas histórias originais. Exiladas. Cativas. Desenraizadas. Vítimas da mesma ganância. Neles, o que se cobiça são os chifres. Nelas, os úteros.
No mundo, tudo permanece silêncio. São apenas estatísticas ruins do Terceiro Mundo.

2 de setembro de 2015. Costa da Turquia.

Aylan Kurdi não vence o mar. Como poderia? [... as águas são rotas de braços frios / que adormecem bebês / meninas, bebês meninos / para entregá-los, purificados / a um Criador envergonhado]. Aylan Kurdi é só um menino de três

anos. Sírio. Como a maioria dos refugiados que fogem das guerras pelo poder. Aylan Kurdi é mais uma criança afogada numa praia da Turquia. Vira notícia porque a turca Nilüfer Demir e sua câmera estão em vigília na areia trágica. Ah, os fotógrafos! Esses seres despudorados que denunciam com suas lentes o que os olhares frágeis das pessoas frágeis preferem não ver. Ver é inquietação. Por isso, talvez, o mundo não tenha chorado por Galip, 5 anos, irmão de Aylan. O corpo dele não chegou à praia. Não foi fotografado.

Não ver é a alienação desejada.

Aylan e Galip saíram de casa para morrer no mar. Sem entender por que deixaram para trás o seu país. Crianças não entendem as guerras. Não deveriam, igualmente, fazer parte delas. Nem deveriam ser arrancadas das suas referências para serem jogadas no cativeiro do exílio.

Aylan e Galip fazem parte da cegueira cômoda. Afinal, são apenas meninos sírios.

20 de setembro de 2019. Morro do Alemão, Brasil.

Morro do Alemão. Ou qualquer outro morro. Desde que seja morro. Ágatha Vitória cai. 8 anos. Tiro nas costas. De fuzil. Coisa de covarde fardado. Mais uma — e já foram tantas. Crianças como ela, meninas como ela. Feitas de sorrisos, de brincadeiras, de fantasias. A de Mulher Maravilha invocando o sonho de um mundo de justiça e de mulheres guerreiras. E o pesadelo da realidade se contrapondo. Ceifando, ceifando, ceifando.

Crianças. Já nem se trata de quantas. Ágathas, Guilhermes, Alanas, Kayos, Larissas, Adrielles. Já nem se trata de onde. Nova Holanda, Borel, Alemão, Guarabu. Faz tempo que essa conta está perdida. E perdido é o que tudo está. Bala. Homem. Consciência. Futuro.

Outubro | novembro | dezembro de 2019. Em todos os grotões de pobreza.

Caixões brancos encaixados uns sobre os outros empilham-se em tédio cínico. Aguardam os hóspedes perpétuos que se deitarão entre suas paredes finas. E o cheiro do sangue que, mesmo lavado, se entranhará nas suas fibras fracas como uma droga perigosa, viciante, nauseante. Meninas. Meninos. De algum morro, de alguma comunidade, de algum bairro pobre. De qualquer lugar esquecido ou desprezado pela tal gente de bem.

Há também covas rasas. Esperando os que não podem pagar pela mísera decência de um caixão vagabundo. São bocas indigentes essas covas arreganhadas em espera curta. Sabem que logo será saciada a sua fome ávida. Mais tarde, corpos pequenos preencherão as suas entranhas. Perfurados por balas perdidas. Vítimas dos predadores que somos: os que abatem, os que aprisionam, os que empurram para a morte, os que perseguem até a extinção. Como os caçadores do Quênia, os estupradores da Nigéria, o ditador da Síria. Como os homens e mulheres de farda que atiram pelas costas.

Podemos fechar os olhos. Mais uma vez. Essa é a nossa expertise. Podemos desligar a TV, tampar os ouvidos, cobrir a cabeça. Podemos nos mudar para Paris. Ou para a Finlândia. Quando voltarmos, tudo estará terminado. E olharemos para o genocídio de meninas e meninos pobres com toda a piedade hipócrita que nos

foi ensinada pelos nossos pais e pelas nossas igrejas. E nos sentaremos com um copo de cerveja, de vinho ou de uísque entre amigos que também terão acabado de voltar de Berlim ou de Barcelona. E discutiremos planos para reverter a extinção.

Em nossos planos, só uma falha. Não temos o sêmen do rinoceronte branco.

Cinthia Kriemler é carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de O sêmen do rinoceronte branco (Contos, 2020). Tudo que morde pede socorro (Romance, 2019); Exercício de leitura de mulheres loucas (Poesia, 2018); Todos os abismos convidam para um mergulho (Romance, 2017) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; Na escuridão não existe cor-de-rosa (Contos, 2015) – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; Sob os escombros (Contos, 2014); e Do todo que me cerca (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos Novena para pecar em paz a convite da Editora Penalux, em 2017. Tem textos e poemas publicados em diversas antologias e em revistas literárias. O romance Viúvas de Sal (Editora Patuá, 2023) está disponível para pré-venda no site da editora.

LAURA REDFERN NAVARRO
macho
O CORPO
DE LAURA

UM MAIÔ COM ESTAMPA DE SORVETE
(UM EXERCÍCIO COM GERTRUDE STEIN)

LAURA REDFERN NAVARRO

a perda da inocência é apenas mancha uma mancha nem sempre óbvia. a forma não é discreta sabe-se bem. quando de frente para o espelho o corpo de laura é amorfo é gorducho é opulência →
a proporção pinica e é contraste. o maiô de laura é branco mas os babados não, isto significa que não se pode cobrir os buracos, eles ficam à vista. a perda da inocência são os cones cor-de-rosa, verdinho, azul-bebê. é encardida.

I FEEL LIKE I KNOW HER BUT SOMETIMES MY ARMS*

LAURA REDFERN NAVARRO

I

observar-se, após um banho quente, no espelho:

ele embaçado é bom porque traz Laura

sem forma

e então finalmente não consigo dizer

se ela era agradável

ou se era louca

louca de verdade, uma mulher que tenta sair

da camisa de força.

II

(às vezes, ela consegue)

• "sinto como se a conhecesse, mas às vezes meus braços dobram para trás" (tradução da autora),referência à frase de Laura Palmer em Twin Peaks (1990-1991).

Laura Redfern Navarro é paulistana e nasceu no ano de 2000. É poeta e jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero. Foi aluna dos cursos Poesia Expandida (2020) e do Curso Livre de Preparação de Escritores da Casa das Rosas - CLIPE - Poesia (2021), ambos pela Casa das Rosas. Seu trabalho artístico investiga a linguagem enquanto corpo, experimento e subversão nas vicissitudes do feminino.

VIVENDO DE MARMITA | GERMANA ACCIOLY

Tenho percebido a vida mais concentrada, feito um extrato de tomate que precisa ser diluído, como um café forte demais. Nos intervalos do viver – se é que isso existe – busco parar para compreender ou tentar desonerar esta medida intensa. Na esteira dessa percepção, o que me vem é a imagem de estar buscando meu centro. Os preceitos budistas já diziam: viver com menos, simplificar as coisas.

A luta contraditória que é tentar eliminar pesos. Literalmente. Esta semana coloquei o piano à venda. Muitos que leem este texto (se é que são muitos) vão provavelmente se assustar. Prevejo as expressões com cenhos franzidos, as cabeças balançando para esquerda e para a direita, em sinal de reprovação. Pois eu digo que me senti muito adulta (!) tomando uma decisão sem consultar ninguém. Aliás, ouvindo minha vontade própria.

O velho companheiro já não me dizia muita coisa. Eu também não o acariciava mais. A poeira que acumulava no canto da parede era prolixa de sentidos. O piano, um organismo vivo, jazia se transformando em estante. Livros, bolsas, óculos, a roupa que usei no dia encontravam ali um pouso.

E a música, por mais que seja parte de mim, por mais forte e necessária que tenha sido, mudou de lugar. Nem mesmo o rapaz que afina e vende pianos queria atender ao meu pedido. Foram muitos telefonemas até que ele se convencesse a vir buscar o instrumento. E quando saiu lá de casa, adorei ver meu quarto mais amplo, mais leve.

Faz parte do entendimento sobre não poder ser tudo que se quer na vida. Vestir a fantasia de polvo ou de equilibrista nos tira o poder! Que poder? O de ser. O de pisar e andar nas próprias convicções.

Aí, outro dia, numa roda de amigos, alguém me perguntou se eu ainda cozinho, onde eu tenho cozinhado. Pra você que está ainda aqui neste texto, (obrigada por seguir), eu amo cozinhar e já cozinhei pra muita gente. A cozinha é a minha bruxaria, o meu mais forte vínculo com a ancestralidade, com a cura. Gosto do aroma dos temperos que se fundem e inauguram uma receita. Gosto tanto que cozinho todos os dias.

Hoje de manhã mesmo, fiz um guacamole somente para mim. Todo santo dia acordo e faço meu café da manhã, celebrando. Pode ser uma banana cozida. Não importa. Tem parcimônia na mesa.

Pois bem! Alguém perguntou se eu ainda cozinhava para fora.

Respondi sem pensar que continuo cozinhando todos os dias, mas hoje o que me alegra mesmo é fazer a minha marmita pra levar pro trabalho. Senti um silêncio de dois segundos meio inquieto e um amigo atalhou: isso dá um texto. E eu pensei: isso dá uma vida nova.

Matei a cozinheira inspirada na mama italiana, na mãe judia, que a todos provia, mas mantive viva a bruxa.

Se sou escritora? Isso também está em cheque. O dia tem 24 horas. Eu preciso escolher dentro da alma geminiana quais papeis mantenho vivos. Encontrei com a minha editora na rua, demos um abraço forte e ela me disse que precisava ver meus textos para um novo livro. Soltei, quase sem pensar novamente, que não quero lançar mais livro não.

Aí neste ponto você pode perguntar o que eu quero, afinal? Quero tempo para somente existir, sem precisar dividir a agenda com as minhas personas.

Quantas terei que matar dentro de mim para finalmente ser eu?

Germana Accioly é escritora e jornalista. Publicou "Não é sobre você" (Selo Mirada, 2021). Escreve no blog Perder de Vista.

@marialivreira

VIDA | MARIA CRISTINA TAVARES

Era maio do ano de 2020, especificamente segunda quinzena do mês. Acabara de ser decretado o chamado lockdown na capital pernambucana e em mais quatro cidades da região metropolitana. Pernambuco já havia ultrapassado a marca de mil mortos pelo novo coronavírus, mil vidas haviam sido interrompidas, era necessária uma medida mais restrita de isolamento social, diminuir a circulação de pessoas nas ruas era primordial.

A ideia de ficar afastada das pessoas, já era extremamente complexa, acredito que para a maioria da população. Se afastar de familiares... amigos... muito difícil. Um misto de angústia e medo. Medo de ter a vida vencida por um vírus, ir embora e nunca mais ver, abraçar, beijar, estar perto dessas pessoas, pelo menos no plano físico, terrestre. Eshe, 53 anos, já experienciava esse afastamento mesmo antes da medida mais restrita de lockdown. Muito cuidadosa, só saía para realizar tarefas essencialmente necessárias e por pensar em quem não podia ficar em casa. O medo, muitas vezes disfarçado, a acompanhava e lhe detinha.

Mulher negra, moradora de um bairro no subúrbio da zona sul de Recife, residia numa casa simples que abrigava ela e sua família há 22 anos. O imóvel, erguido na nascente do sol, proporciona tardes menos calorentas. Um privilégio para quem vive em uma cidade ensolarada como o Recife.

Atualmente na residência moram apenas Eshe, seu companheiro, três amigões de quatro patas. A filha, única do casal, linda e doce e muito amada, casou, voou do ninho materno e paterno para construir o seu próprio.

Mesmo já vivenciando o isolamento social, saber que naquela segunda quinzena de maio seria mais rígido, mais endurecido, lhe causava uma sensação muito estranha... uma solidão, um vazio, uma paralisia, tudo estava estacionado. A inquietação tomava conta, crescia como as raízes de um frondoso jambeiro que tinha na frente da casa dela. Jambo delicioso, suculento... do roxo, todas às vezes que ela fala desse jambo, é possível perceber sua boca se encher d'agua. Ela diz, inclusive, que consegue sentir o cheiro que exala desse jambeiro no tempo da safra. Então é isso! Pensou em voz alta.

— Eu preciso, nesse momento, fincar raízes que cresçam nos dando sustentação. Raízes que cresçam dentro de mim e me impulsionem a viver minha casa, habitar nela.

O habitar que Eshe se referiu, tinha um sentido temporal. Naquele momento mais preocupante da pandemia, que exigia ações mais rígidas de isolamento, era necessário encontrar formas prazerosas de permanência em casa. Criar outras raízes, ver com outros olhos, enxergar tudo em sua casa, encontrar prazer nas ações rotineiras dos afazeres domésticos, como cozinhar, lavar pratos, lavar roupas... dar um novo sentido! Tarefa difícil, frente as exaustivas limpezas e higienização diárias presentes na nossa rotina desde o início da quarentena e frente a incerteza do amanhã. Mas, Eshe, nesse instante conflituoso, uma consci-

ência individual que possibilitou a ela uma alteridade entre o Eu e o todo que envolvia seu habitar.

Envolta desses sentimentos, em pleno domingo, 17 de maio, segundo dia do lockdown, ela que estava terminando o almoço, parou, pegou o celular e foi fotografar a natureza no seu quintal. Não tinha nada de novo, as plantas, flores que brotavam, a pitangueira com frutos, os cachorros, galinhas, pássaros estavam ali todos os dias. Mas aquela preta estava determinada a lançar um novo olhar sobre o que ela sentia deixar-se afetar. E, começou a fotografar... fotografou as flores que, aliás, já havia fotografado outras vezes e publicado nas redes sociais ou enviado para familiares e amigos com um "Bom Dia", mas naquele domingo as flores pareciam mais bonitas, mais viçosas. Olhou um dos cachorros, dormindo tão sereno... tão confiante, transmitia uma certeza de segurança por estar em casa, com pessoas que cuidavam dele e o amava... o fotografou com todo cuidado para não o acordar. Continuou a caminhar pelo quintal, olhou para o alto e viu o céu, embora não estivesse todo azulzinho porque o sábado, tinha sido de chuva, estava lindo. Fotografou aquele céu, que emanava luz e força.

Ao descer o olhar que estava direcionado para o céu, enxergou na sua frente, as roupas estendidas no varal. Tinham sido lavadas bem cedo. Todos os dias Eshe lavava roupas, não deixava juntar, tudo dentro de casa tinha que estar limpo. Olhou aquelas roupas... um pano de prato, um caminho de mesa, camisa do marido, um vestido... elas pareciam pedir para serem fotografadas. Eshe olhou para elas, pensou em fotografar, mas desistiu. – Não tem sentido fotografar roupas secando... estou fa-

zendo um regis-tro da vida. Roupa não tem vida. Saiu do quintal, foi terminar o almoço e continuou pensando nas roupas... De repente, várias lembranças vieram a sua mente em relação aos momentos que cada vestimenta daquela tinha sido usada. Todos os momentos representavam ações vivenciadas. Pegou novamente o celular e foi olhar as roupas de perto.

As lembranças mais fortes que vinham a mente, se voltavam para o vestido dela. Já estava tão "surrado", dois anos se passaram desde a sua compra. Lembrou que usara o vestido pela primeira vez em julho de 2018, um dia antes do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, tinha ido bater perna na cidade com a filha e almoçar lá no pátio de São Pedro. Essas lembranças formavam um elo interligado: Mente, Emoções, Corpo. Se deu conta que nesse elo, transitava um símbolo: VIDA. Imediatamente fotografou aquelas roupas no varal, do jeitinho que estavam, com prendedores pendurados, o chão, o terreno, o muro, as casas dos vizinhos... tudo registrado, tal como é, sem filtro, sem truques. Porque assim é a vida.

Esse relato que aqui registro, foi Eshe que me enviou, com as fotografias por ela tiradas. Somos muito amigas, diria que desde sempre, temos até a mesma idade. E o isolamento permitiu que nos conhecêssemos de verdade.

Pelos olhos de Eshe enxerguei VIDA e seus ecos de renascimento.

Maria Cristina Tavares. mulher preta. mãe. Pedagoga licenciada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestra em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação. Culturas e Identidades(PPGECI)- UFRPE/Fundaj). Professora. Educadora Social. Escritora. afroempreendedora/livreira. Idealizadora da @marialivreira. Livraria virtual e itinerante com foco na literatura negra e indígena infanto juvenil. que atua na perspectiva de uma educação antirracista e para as Relações Étnicorraciais. Autora: Cordel Rainha Tereza de Benguela (2020). Cordel África um Continente (2020) (edição esgotada). Livro infantil: "No Quintal da Tia Maria" (2021 - 1° edição) com segunda edição publicada outubro 2023 com o selo editorial Mirada Janela)

O mar se dobra e desdobra em ondas à espera do rio, caminhante seguro de si. As águas sabem para onde retornar. Os pensamentos brincam entre os pelos da Perna Cabeluda enquanto ela, tal qual Narciso, admira o próprio reflexo no Capibaribe. As lâmpadas amarelas nos postes iluminam a cidade maurícia, emulação frustrada da Cidade Luz.

Serena e em silêncio, atravessa a Mauriciópolis sem incomodar o sono dos que ainda cultivam ilusões pseudoprotegidas por marquises deterioradas. Escafandristas, fetos abortados, baronesas, móveis, dejetos. Tudo navega sob as pontes. Capoeiristas, batuqueiros, camelôs, imigrantes forçados, dependentes químicos, favelados. Mesmo após tantas higienizações sociais, pernas solitárias vagam na escuridão da capital que fede a abandono.

As garras da Besta-Fera raspam o asfalto. As lágrimas se recolhem ao sentirem o vento do antigo porto. A assombração desfila ao longo da avenida construída sob ruínas de igrejas. Prédios se erguem enquanto morros desabam. Questionamentos a inquietam, pululam cada articulação. Será, Cícero Dias, que o mundo começa aqui? Em meio a armazéns e antigas zonas onde mulheres fisgavam marinheiros para sobreviver? Onde homens de bem e representantes de Deus açoitavam corpos marginalizados na picota? Numa terra na qual vidas se esvaem nos edifícios de luxo? O joelho peludo se dobra sobre a frieza do metal da placa

redonda no Marco Zero. Latitude, longitude e altitude. Quantas distâncias percorrer nessas terras de Capitanias Hereditárias para que a insurreição realmente aconteça? Para onde iria se caísse no sumidouro dessas águas turvas? Poderia flutuar à deriva após o dique... O balé de luzes coloridas de uma viatura silenciosa interrompe o solilóquio.

A Perna reconhece a jovem que quatro policiais arrancam da calçada e tentam colocar dentro do camburão. Conversou com ela algumas vezes quando perambulava pelos arredores do Chupa-Chupa, reduto de cadáveres reanimados através de pedras, pós e ervas. Catatônica, Alice se debatia durante a viagem ao país de maravilhas criadas por cristais aquecidos em cachimbos quando a coxa grossa e peluda correu para ajudá-la. Serviu-lhe de travesseiro até o retorno da curta jornada da heroína. Conversaram sobre a morte e a difícil tarefa de encontrá-la, sobre as moedas recebidas após abocanhadas tetânicas em maridos exemplares e esposas decentes, sobre o trânsito da humanidade entre loucura e doença. Compartilharam experiências que só as criaturas noturnas vivenciam, pois o dia lhes é proibido. Ela dormiu abraçada, pela primeira vez, a um bicho de pelúcia.

Pele e sangue decoram as unhas de Alice. Em silêncio e de olhos secos, ela se defende com armas naturais, recrutadas pelo instinto, por resquícios de dignidade e pela vontade de não morrer por aquelas mãos. Sob a proteção das fardas, os homens descarregam a frustração de serem rejeitados por uma mulher e, mesmo no auge da ignorância, por saberem que ela é, antes de tudo e mais que eles,

forte. Cacetetes e sprays de pimenta se revezavam no espetáculo da covardia.

A maresia range na cabeça do fêmur e todos se voltam para o cais. O dispersar das nuvens revelam a Lua Cheia, por trás da Torre de Cristal, lançando holofotes sobre a Perna, que se levanta. O sangue se agita no segundo coração, que bombeia ódio para todos os poros. As falanges, uma a uma, estalam na iminência do golpe. Eriçada, a criatura desembesta em direção aos fora da lei. Rasteiras, chutes, cambalhotas, joelhadas, gingados, voadoras, rodopios, pisões. Saltos no capô do carro, golpes nos retrovisores, pneus furados, vidros estilhaçados.

Finda a dança, uns recolhem dentes, outros queimam a cara no cano de escape, procurando se esconder de mais uma pancada fortuita. Todos pensam em como explicar o episódio no batalhão, em casa, nos meios de comunicação, nas redes sociais. Quanto tempo teriam para alinhar as versões? Qual seria a mais convincente para a masculinidade sair intacta, imaculada? Usar as imagens das câmeras de segurança para provar o que aconteceu e gerar provas sobre si mesmos violentando uma usuária? O labirinto se complicava. A cortina de nuvens recolhe a iluminação lunar, convocando o breu recifense. Rasga-mortalhas piam sobre os cemitérios, vira-latas uivam nas encruzilhadas e gabirus guincham nas bocas de lobo. O farfalhar dos morcegos transmitem o recado. Nenhuma janela se atreve a se abrir nem lâmpadas ousam se acender. No panteão pernambucano, as legiões rurais e urbanas de encantados e lendas aplaudem a performance no mundo dos viventes.

O malassombro, imponente, orgulha-se do feito e caminha até Alice. As carícias no corpo raquítico amenizam as dores morais. Os lábios rachados libertam um sussurro audível apenas para a Perna Cabeluda. Abraçadas, elas caminham rumo ao quartinho alugado próximo à Cruz do Patrão, pois, mesmo diante do abismo, as águas sabem para onde retornar.

.

Iaranda Barbosa é Doutora em Teoria da Literatura UFPE. Mestra em Teoria da Literatura (também pela UFPE) e graduada em Letras Português/Espanhol. pela mesma instituição. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura Fantástica. Língua. literatura e culturas de língua espanhola e portuguesa: Doutorado sanduíche na Pontificia Universidad Católica del Perú. sob orientação da Professora Doutora Susana Reisz. Pesquisadora no projeto Narrativas hispano-americanas do século XX. sob coordenação da Professora Doutora Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE). Publicou a novela Salomé (Mirada. 2020) e o livro de contos fantásticos Palavras de Silêncio (Mirada. 2022). Organizou as coletâneas As várias faces da Perna Cabeluda (Mirada. 2023) e Artemísias (Mirada. 2021)

NOT IN
OUR
NAME
POLICE

CEASEFIRE.
JEWS SAY CEASE FIRE.
NOT IN OUR NAME

Anne Boyer, escritora, poeta e ex-editora de poesia do The New York Times Magazine, suplemento que circula na edição de domingo do The New York Times.

Minha renúncia

Pedi demissão do cargo de editora de poesia da New York Times Magazine.

A guerra do Estado israelita apoiada pelos EUA contra o povo de Gaza não é uma guerra para ninguém. Não há segurança nele ou fora dele, nem para Israel, nem para os Estados Unidos ou a Europa, e especialmente não para os muitos povos judeus caluniados por aqueles que afirmam falsamente lutar em seus nomes. O seu único lucro é o lucro mortal dos interesses petrolíferos e dos fabricantes de armas

O mundo, o futuro, os nossos corações – tudo fica menor e mais difícil com esta guerra. Não é apenas uma guerra de mísseis e invasões terrestres. É uma guerra contínua contra o povo da Palestina, pessoas que resistiram durante décadas de ocupação, deslocação forçada, privação, vigilância, cerco, prisão e tortura.

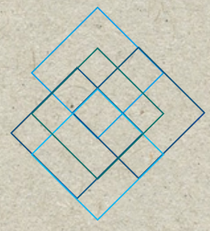
Como o nosso status quo é a autoexpressão, por vezes o modo mais eficaz de protesto para os artistas é recusar.

Não posso escrever sobre poesia no tom "razoável" daqueles que pretendem nos acostumar a esse sofrimento irracional. Chega de eufemismos macabros. Chega de paisagens infernais higienizadas verbalmente. Chega de mentiras belicistas.

Se esta demissão deixa nas notícias um buraco do tamanho da poesia, então essa é a verdadeira forma do presente.

Fonte: https://abre.ai/hDFk

WWW.MIRADAJANELA.COM
MIRADAJANELACULTURAL@GMAIL.COM



MIRADA